

A Proposta Socialista de Marx e Engels e Possíveis Atualizações

THE SOCIALIST PROPOSAL OF MARX AND ENGELS AND POSSIBLE ATUALIZATIONS

*Maria Cristina Longo Cardoso Dias**

RESUMO

O presente artigo visa a explicar a proposta socialista de Marx e Engels, bem como pretende esboçar possíveis atualizações dessa concepção. De acordo com Marx e Engels, o capitalismo é um modo de produção injusto porque sustenta as bases de produção de sua riqueza na exploração dos trabalhadores. Em outras palavras, embora a produção, no capitalismo, seja coletiva, a apropriação é privada, gerando fortes desigualdades de classes entre os indivíduos desta sociedade. Entretanto, para os autores, esse é o primeiro modo de produção que possui as bases materiais necessárias para que um modo de apropriação socialista da produção passe a existir. O socialismo proposto pelos autores diz respeito à tomada dos meios de produção pelos trabalhadores, para que a socialização da produção ocorra, através do planejamento estatal. Atualizações da proposta socialista de Marx e Engels não são simples de serem aventadas, contudo, algumas indicações relacionadas à economia solidária ou à produção livre de tecnologia podem ser possíveis aproximações.

PALAVRAS-CHAVE: socialismo; Marx; Engels; capitalismo; proposta socialista.

ABSTRACT

This paper aims to explain Marx's and Engels' socialist proposals, as well as intend to delineate possible present similar conceptions. According to Marx and Engels, capitalism is an unfair mode of production because it sustains its wealth production in exploitation of workers. In other words, although production, in capitalism, is collective, appropriation is private, generating strong classes' inequalities among individuals in this society. Nevertheless, for the authors, this is the first mode of production which has necessary material basis which can propitiate the existence of a socialist mode of appropriation of production. Socialism proposed by authors consists in taking means of production by workers, to make possible the socialization of production, through government economic planning. It is not simple to try to bring this proposal up to date, however, some indications related to solidarity economy or to free production of technology can be possible approximations

KEYWORDS: socialism; Marx; Engels; capitalism; socialist proposal.

* Maria Cristina Longo Cardoso Dias possui graduação em economia e filosofia pela Universidade de São Paulo, é mestra e doutora em filosofia por essa mesma instituição. Atualmente é professora adjunta do departamento de filosofia da UFRN. E-mail: crislongo@gmail.com

O presente artigo visa a expor o conceito de socialismo científico proposto por Marx e Engels, para então passar a esboços de possíveis atualizações de sua proposta.

Conforme será descrito ao longo do artigo, será possível perceber que a concepção socialista de Marx e Engels aponta como elemento fundamental desse novo modo de produção a socialização dos meios de produção e apropriação coletiva do produto.

O socialismo como alternativa de organização do modo de produção e da sociedade ficou conhecido no século XIX, com concepções denominadas utópicas e científicas por Marx e Engels. As concepções utópicas, de acordo com os referidos autores, eram noções que reconheciam as contradições entre as classes burguesia e proletariado de seu tempo, mas porque não se preocupavam em descobrir as leis que regem as transformações da sociedade, não podiam entender ou prever como as transformações sociais ocorreriam no futuro¹.

Segundo Marx e Engels, socialistas utópicos como Saint-Simon, Fourier e Owen estariam sob a influência do pensamento iluminista do século XVIII, em que tudo deveria passar pelo tribunal da razão e do mesmo modo a saída ou transformação social em relação ao capitalismo deveria ser elaborada ou descoberta pelo pensamento sem maior ajuda da análise da realidade.

¹ Marx e Engels, 2010, p. 66: “Os sistemas socialistas e comunistas propriamente ditos, os de Saint-Simon, Fourier e Owen, etc, aparecem no primeiro período da luta entre o proletariado e a burguesia (...). Os fundadores desses sistemas compreenderam bem o antagonismo das classes (...) mas não percebem no proletariado nenhuma iniciativa histórica, nenhum movimento político que lhes seja peculiar (...) Substituem a atividade social por sua própria imaginação pessoal; as condições históricas da emancipação por condições fantásticas”.

Tal saída em relação ao capitalismo, de acordo com Marx e Engels, pretendia, em geral, melhorar a situação de todos, inclusive a condição dos mais ricos, e, muitas vezes, dependia desses últimos para que fosse viabilizada².

O socialismo científico, ao contrário, seria reflexo da realidade na consciência, cuja principal contradição revela-se por meio do antagonismo entre as classes burguesia e proletariado ou donos do capital e não donos. De acordo com Engels, seria a partir da análise da realidade concreta, por meio do método do materialismo histórico dialético, que poderia ser possível descobrir as leis que determinam as transformações da sociedade ao longo da história, bem como compreender a dinâmica que rege o atual modo de produção denominado capitalismo³.

O método materialista utilizado para elaboração de teorias acerca do mundo surgiu no Reino Unido, com os autores Bacon, Hobbes e Locke⁴, conforme afirma Engels. Segundo este autor o materialismo é uma corrente de pensamento que sustenta ser possível conhecer a realidade a partir da experiência dos sentidos humanos. Contrariamente aos filósofos idealistas que ressaltam que as coisas em si não podem ser conhecidas, mas apenas o fenômeno representado pelas intuições da sensibilidade e das categorias do pensamento, os materialistas afirmam ser possível co-

2 Marx e Engels, 2010, p. 66: “Desejam melhorar as condições materiais de vida de todos os membros da sociedade, mesmo dos mais privilegiados. Por isso, não cessam de apelar indistintamente à sociedade inteira, e de preferência à classe dominante”.

3 Engels, 1880, p.44: “O materialismo moderno vê na história o processo de desenvolvimento da humanidade, cujas leis dinâmicas é sua missão descobrir”.

4 Engels, 1880, p.10: “O materialismo é filho nato da Grã-Bretanha”(…). “Hobbes sistematiza o materialismo de Bacon”.

nhecer os objetos sociais e da natureza, bem como suas leis.

De acordo com Engels, para responder aos idealistas que argumentam não ser possível conhecer o mundo tal como ele é, basta expormos que se determinado objeto possui conhecidas propriedades e seu uso corresponde à ideia que fazíamos do objeto é porque de fato o conhecemos⁵.

Ainda a respeito desse assunto, Engels expressa que somos capazes até mesmo de reproduzir inúmeros objetos, o que seria mais uma prova de que é possível conhecê-los⁶.

De acordo com Engels, o materialismo histórico dialético parte da premissa da corrente de pensamento materialista originada no Reino Unido de que podemos conhecer o mundo a partir da experiência dos sentidos humanos e que é necessário, para que se compreenda como as sociedades organizam-se, observar sua constituição e transformação ao longo da história.

O método de análise materialista histórico considera o fato de que todas as sociedades ao longo do tempo organizaram-se para a produção, pois segundo Marx e Engels, para que os homens mantenham-se vivos é

5 Engels, 1880, p. 14: “(...) Se essas percepções fossem falsas, falso seria também o juízo acerca das possibilidades de empregar a coisa de que se trata, e a nossa tentativa de empregá-la teria forçosamente que fracassar. Mas se conseguimos o fim desejado, se achamos que a coisa corresponde à ideia que dela fazemos, que nos dá o que dela esperávamos ao usá-la, teremos a prova positiva de que, dentro desses limites, as nossas percepções acerca dessa coisa e das suas propriedades coincidem com a realidade existente fora de nós”.

6 Engels, 1880, p. 15: “Mas, de lá para cá, essas coisas inapreensíveis foram apreendidas, analisadas e, mais ainda, reproduzidas uma após outra pelos gigantescos progressos da ciência. E desde o instante em que podemos produzir uma coisa, não há nenhuma razão para que ela seja considerada incognoscível”.

necessário que produzam os bens necessários à sua sobrevivência⁷. Em outras palavras, antes dos homens serem críticos, artistas, políticos, eles precisam conseguir os alimentos e outros produtos necessários à manutenção de suas vidas.

O materialismo histórico reconhece que as sociedades organizam-se para a produção dos bens essenciais⁸ à sobrevivência dos indivíduos e ressalta que a forma de organização social da produção, distribuição e troca dos produtos influencia preponderantemente toda a ordem social vigente⁹.

É tese do método materialista histórico que toda ordem social é determinada, em uma relação dialética pelo modo de organização da sociedade para a produção em determinada época¹⁰. Quando se ressalta que a ordem social é determinada em uma relação dialética pelo modo de produção vigente afirma-se que o modo de produção determina a ordem social, contudo a mesma o reforça mutuamente e que contradições ao modo de

7 Marx e Engels, 2007, p. 33: “O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos.

8 Essa quantidade e variedade de bens necessários à sobrevivência humana mudam de lugar para lugar e de tempos em tempos.

9 Engels, 1880, p. 49: “A concepção materialista da história parte da tese de que a produção, e com ela a troca dos produtos, é a base de toda a ordem social; de que em todas as sociedades que desfilam pela história, a distribuição dos produtos, e juntamente com a ela a divisão social dos homens em classes ou camadas, é determinada pelo que a sociedade produz e como produz e pelo modo de trocar os seus produtos”.

10 Marx, 1974, p. 136: “O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual”.

produção vigente também expressam-se¹¹. Como decorrência, as sociedades podem ser divididas em classes ou não, dependendo se a apropriação do produto é privada ou coletiva. Segundo Marx e Engels, a história das sociedades que geram apropriação privada da produção é a história da luta de classes, ora aberta, ora velada¹². As transformações sociais ocorreriam, portanto, por meio dessa luta, motivadas pela opressão e por modificações nas forças produtivas.

Os períodos em que a luta de classes acirra-se ainda mais ocorrem quando as forças produtivas sofrem transformações que não mais comportam antigas relações de produção. Nestes momentos as sociedades tendem a ser revolucionadas, são períodos em que todos os elementos sociais mudam¹³.

11 A dialética admite a afirmação e a negação do mesmo elemento (a formação de uma tese e antítese de um mesmo elemento) para formar uma nova concepção, uma síntese. Assim, pode-se dizer que o modo de produção determina e não determina toda a ordem social, porque a ordem social também o influencia, reforçando-o. Ruy Fausto, 2015, p. 72 ressalta: “Que no capitalismo o homem se interverte em não homem, a liberdade em não liberdade, a riqueza em não riqueza, a propriedade em não propriedade se poderia ver, primeiro, mostrando simplesmente como os predicados dessas determinações, para o caso do capitalismo, estão em contradição com os seus sujeitos: com efeito, a liberdade burguesa é liberdade do capital, a propriedade privada burguesa é menos propriedade do indivíduo sobre o capital do que propriedade do capital sobre ele mesmo, a riqueza burguesa é de fato pobreza (subjética), o homem (o operário, o capitalista) é na realidade um “não homem”. Ou, em outros termos, no capitalismo a liberdade ≠ liberdade, o homem ≠ homem, a propriedade ≠ propriedade e riqueza ≠ riqueza. (...)”. P. 86: “Com efeito, o que acabamos de ver é como a dialética opera a interservação de certas noções como “liberdade”, “propriedade”... na análise do capitalismo, isto é, como o pensamento dialético se deixa interverter, quando ele introduz essas noções. E isto em oposição ao pensamento não dialético que, pelo contrário, bloqueia a interservação”.

12 Marx e Engels, 2010, p. 40: “A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes”. Afirmação seguida de nota de Engels expressando que essa tese é válida apenas para as sociedades em que a apropriação do produto é privada.

13 Marx e Engels, 1974, p.136: “Em uma certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que nada mais é do que a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade dentro das quais

No modo de produção capitalista a ordem social também é influenciada decisivamente pelo modo de organização, distribuição e troca da produção¹⁴. De acordo com Marx e Engels, a produção dentro dos ambientes de trabalho capitalistas tende a ser extremamente organizada e hierarquizada em que cada trabalhador assalariado possui sua função. A essa organização rígida dentro das empresas, segundo Engels, corresponde a anarquia da produção como um todo¹⁵, pois a quantidade total produzida não é planejada pela sociedade.

As pessoas que trabalham ou que procuram trabalho nesses ambientes organizados hierarquicamente, no modo de produção capitalista, são denominadas força de trabalho¹⁶. Ela¹⁷, nomeada também de prole-

aquelas até então se tinham movido. De formas de desenvolvimento das forças produtivas estas relações se transformam em seus grilhões. Sobrevém então uma época de revolução social. Com a transformação da base econômica, toda a enorme superestrutura se transforma com maior ou menor rapidez”.

14 Poder-se-ia adicionar à análise marxiana do século XIX que a ordem social é determinada pelo modo de produção e troca de bens materiais e imateriais (incluindo serviços em geral, serviços bancários, o desenvolvimento da ciência, entre outros).

15 Engels 1880, p. 55:”As condições naturais de vida da besta convertem-se no ponto culminante do desenvolvimento humano. A contradição entre a produção social e a apropriação capitalista manifesta-se agora como antagonismo entre a organização da produção dentro de cada fábrica e a anarquia da produção no seio de toda a sociedade”.

16 Marx, 2013, p. 242: “Por força de trabalho ou capacidade de trabalho entendemos o complexo das capacidades físicas e mentais que existem na corporeidade [Leiblichkeit], na personalidade viva de um homem e que ele põe em movimento sempre que produz valores de uso de qualquer tipo”.

17 Poder-se-ia indagar se, contemporaneamente, os altos gerentes e diretores de empresas e bancos fazem parte da força de trabalho. A resposta é negativa, pois em geral, esses indivíduos são membros da classe dominante, defendem os interesses dela e apropriam-se de uma parcela extremamente maior do produto que os outros assalariados (tendem a ser detentores de capital). Haveria ainda o empreendedor que possui a posse de pequeno capital e exerce, ao mesmo tempo, a função de força de trabalho, quanto a ele poderíamos enquadrá-lo na definição de camada média que ora trabalha para os donos do grande capital e emprega força de trabalho, ora tem a tendência a perder seu pequeno capital e tornar-se força de trabalho (isso ocorreria, principalmente, em períodos de crise).

tariado por Marx e Engels, não possui nada além de sua força viva para vender no mercado de trabalho. A burguesia, ao contrário, possui a propriedade privada dos meios de produção¹⁸ e do capital e compra a força de trabalho, por um salário e por um tempo determinado, no mercado, para empregar em sua produção¹⁹.

À burguesia interessa empregar a força de trabalho, pois ela extrai mais-valia do proletariado e a transforma em capital²⁰. Os capitalistas contratam a força de trabalho por um salário equivalente ao valor dela que é dado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-la ou mantê-la viva²¹. Contudo, ao transformar matérias-primas em mercadorias, a força de trabalho adiciona valor aos produtos iniciais, pagando-se em menos tempo do que o tempo que trabalha, apropriando-se, portanto, de uma parte normalmente pequena do que em geral produz.

O valor da força de trabalho é dado pelo tempo socialmente necessário para produzi-la ou mantê-la viva, pois o valor dessa mercadoria

18 Marx, 2013, p. 44: “A burguesia suprime cada vez mais a dispersão dos meios de produção, da propriedade e da população. Aglomerou as populações, centralizou os meios de produção e concentrou a propriedade em poucas mãos”.

19 Marx, 2010, p. 244: “Para transformar dinheiro em capital, o possuidor de dinheiro tem, portanto, de encontrar no mercado de mercadorias o trabalhador livre, e livre em dois sentidos: de ser uma pessoa livre, que dispõe de sua força de trabalho como sua mercadoria, e, de, por outro lado, ser alguém que não tem outra mercadoria para vender, livre e solto, carecendo absolutamente de todas as coisas necessárias à realização de sua força de trabalho”.

20 Marx, 2013, p. 229: “Como portador consciente desse movimento, o possuidor de dinheiro se torna capitalista. Sua pessoa, ou melhor, seu bolso, é o ponto de partida e de retorno do dinheiro. O conteúdo objetivo daquela circulação – a valorização do valor – é sua finalidade subjetiva”. Marx, 2013, p. 250: “O processo de consumo da força de trabalho é simultaneamente o processo de produção da mercadoria e do mais-valor”.

21 Marx, 2013, p.245: “(...) “valor da força de trabalho é o valor dos meios de subsistência, ou, dito de outro modo, o valor da força de trabalho é o valor dos meios de subsistência necessários à manutenção de seu possuidor”.

segue a lógica de determinação do valor de todas as mercadorias. Embora a substância do valor das mercadorias seja dada pelo tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-las, revelando que o valor é gerado pelos trabalhadores, sua apropriação é feita pelos donos do capital, a burguesia.

Em outros termos, ainda que a produção seja social e coletiva, embora os meios de produção de valor sejam manuseados pela coletividade que os produziu e produz, tais meios são privados, gerando apropriação privada (pelos donos do capital) da produção social.

Pelo método do materialismo histórico dialético de análise das sociedades, em especial da sociedade capitalista, é possível descobrir suas leis, entender o presente e prever o futuro social. Marx e Engels compreendem, por intermédio da análise da realidade, que a história da humanidade, quando o modo de produção determina sua divisão em classes, é a história da luta de classes e que uma lei fundamental para o funcionamento do capitalismo é a extração de mais-valia ou exploração dos trabalhadores como elemento essencial de acumulação de capital por parte dos donos dos meios de produção de valor.

A principal lei que rege o capitalismo é, portanto, a extração de mais-valia, para que haja capitalismo, acumulação de capital, é necessário haver exploração. Além disso, há outras leis que demonstram o movimento da história, como a questão da luta de classes e, por exemplo, o fato de que as relações de produção correspondem a certo estágio de desenvolvimento das forças produtivas. A partir do entendimento das leis que regem

as sociedades e determinam a ordem social torna-se possível prever o futuro da organização social, para Marx e Engels. Esta seria a diferença do socialismo científico para o socialismo utópico. O primeiro, ao contrário do último, faria previsões baseadas nas leis que regem o todo social. O socialismo científico seria reflexo na consciência das contradições existentes na realidade, bem como de suas leis inerentes.

Ora, se as transformações da história da humanidade, quando há classes, ocorrem pela luta de classes, especialmente em períodos de modificações nas forças produtivas, há que se depreender que as transformações do modo de produção capitalista também ocorrem por meio do conflito das classes donos do capital e não donos, muitas vezes motivado por tentativas de obter melhores condições de vida e por mudanças no modo de organizar a produção.

De acordo com Marx e Engels, o capitalismo teria simplificado as classes em apenas duas: a burguesia e o proletariado ou os donos de capital e os não donos²². Duas classes com interesses opostos, a burguesia interessada em extrair mais-valor, explorar o trabalhador, pagar os menores salários possíveis e empregá-lo o maior tempo possível para acumular capital, e os trabalhadores interessados em não serem explorados.

A partir do conflito entre essas duas classes, devido ao desenvolvimento das forças produtivas a um ponto tal que determine a apropriação coletiva do produto e devido à incapacidade da burguesia de revolucionar

22 Marx e Engels, 2010, p. 40: “Entretanto, a nossa época, a época da burguesia, caracteriza-se por ter simplificado os antagonismos de classe. A sociedade divide-se cada vez mais em dois campos opostos, em duas grandes classes em confronto direto: a burguesia e o proletariado”.

os meios de produção, como exige o sistema²³, aconteceria uma revolução que resultaria na tomada do poder político pelo proletariado e também na tomada dos meios de produção, eliminando-se as classes sociais.

Para que ocorra a eliminação das classes sociais e para que todo modo de produção seja revolucionado, logo após a tomada do poder político pelos trabalhadores, Marx e Engels, (2011, p.66), sugerem as seguintes medidas²⁴:

1. “Expropriação da propriedade fundiária (*Grundeigentums*) e emprego da renda da terra (*Grundrente*) nas despesas do Estado.
2. Imposto fortemente progressivo.
3. Abolição do direito de herança.
4. Confisco da propriedade de todos os emigrados e rebeldes.
5. Centralização do crédito nas mãos do Estado, por meio de um banco nacional com capital do Estado e monopólio exclusivo.
6. Centralização dos meios de transporte nas mãos do Estado.
7. Multiplicação das fábricas nacionais e dos instrumentos de produção; cultivo e melhoramento das terras segundo um plano comum.
8. Trabalho obrigatório igual para todos; constituição de exércitos industriais, especialmente para a agricultura.

23 Até o hoje o capitalismo dá sinais de crescimento, mas pode acontecer que chegue um momento que a apropriação privada do produto torne-se um entrave à revolução técnica da produção.

24 Marx e Engels ressaltam, no Manifesto Comunista, que essas medidas deveriam ser tomadas principalmente nos países mais adiantados do ponto de vista do desenvolvimento do capitalismo.

9. Unificação (*Vereinigung*) dos serviços agrícolas e industriais; medidas tendentes a eliminar gradualmente as diferenças entre cidade e campo.

10. Educação pública e gratuita de todas as crianças. Eliminação do trabalho das crianças nas fábricas em sua forma atual. Combinação da educação com a produção material, etc”.

Essas medidas seriam responsáveis por eliminar as diferenças de classes e seriam necessárias para estabelecer o modo de produção socialista.

Com a tomada dos meios de produção pelos trabalhadores não haveria mais exploração, nem, portanto, extração de mais-valia, os meios de produção de valor seriam socializados e a produção como um todo, além de apropriada coletivamente, passaria a ser planejada²⁵ de acordo com as necessidades de todos²⁶. A anarquia da produção total, a insegurança do desemprego e como decorrência a miséria e a exploração da grande maioria por uma minoria seriam substituídas pelo planejamento da produção e pela garantia de participação justa no produto²⁷.

De acordo com Marx e Engels, o último ato do Estado, quando

25 Marx e Engels, 2011, p. 66: “O proletariado utilizará seu domínio político para arrancar pouco a pouco todo o capital à burguesia, para centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado (...)”.

26 Engels, 1880, p. 64: “Ao apossar-se a sociedade dos meios de produção, cessa a produção de mercadorias e, com ela, o domínio do produto sobre os produtores. A anarquia reinante no seio da produção social cede o lugar a uma organização planejada e consciente”.

27 Engels, 1880, p. 61: “O proletariado toma nas suas mãos o poder do Estado e começa por converter os meios de produção em propriedade do Estado. Mas, nesse mesmo ato, destrói-se a si próprio como proletariado, destruindo toda a diferença e todo o antagonismo de classe”.

tomado pelo proletariado, seria socializar os meios de produção e planejar a produção e a distribuição do produto conforme as necessidades sociais e individuais.

Segundo os referidos autores, o Estado, após a revolução proletária, não precisaria ser extinto, pois se extinguiria sozinho, conforme os trabalhadores tomassem a organização e apropriação da produção em suas mãos e conforme deixasse de haver a necessidade da existência do Estado para servir como força coercitiva e repressora, já que não haveria mais motivos para a realização de coerção²⁸, uma vez que não mais existiria propriedade privada.

Marx e Engels erraram em ao menos um ponto, qual seja: acreditar que já no século XIX seria possível que a revolução proletária triunfasse, implantando o socialismo. Como é de conhecimento geral, o capitalismo, até os dias atuais, dá sinais de crescimento²⁹ e evolução de progresso técnico, portanto, sua capacidade de revolução dos meios de produção não estava esgotada naquele momento.

Entretanto, sabe-se que houve uma experiência de implantação do socialismo por intermédio da revolução bolchevique ocorrida na Rússia em 1917. Por meio dessa revolução implantou-se o denominado socialismo real, em que os meios de produção passaram a ser socializados e organizados pelo Estado. As relações de mercado ainda incipientes na Rússia de 1917 deram lugar ao planejamento estatal da produção e da distribuição

28 Engels, 1880, p. 62: “quando o Estado se converter, finalmente, em representante efetivo de toda a sociedade, tornar-se-á por si mesmo supérfluo”.

29 Apesar da crise econômica iniciada em 2008, países capitalistas como os Estados Unidos e diversos outros voltaram a apresentar sinais de crescimento.

do produto total. As classes sociais e a opressão teriam sido supostamente abolidas³⁰. Inúmeros outros países do leste europeu, como Polônia, Hungria, ex- Checoslováquia e ex-Iugoslávia, estiveram sob a zona de influência da antiga União Soviética (URSS), experimentando o socialismo real.

Essa experiência, contudo, fracassou. Muitos elementos são apontados como causas do fracasso da experiência do socialismo real; entre os principais estão sua incapacidade de revolucionar os meios de produção na mesma velocidade e intensidade que ocorria no mundo capitalista^{31 32}. Principalmente depois da década de 1960, o crescimento da produtividade

30 Goldman, 2014, p. 16. Prólogo de Diana Assunção: “Todo o percurso apresentado por Goldman em *Mulher, Estado e revolução* mostra que o destino de uma revolução e a luta por irromper contra a opressão milenar às mulheres e contra o núcleo familiar como base da sociedade capitalista são parte de uma e mesma estratégia. Ao mesmo tempo, a pesquisadora norte-americana tenta responder um questionamento fundamental a partir dos retrocessos na situação feminina, sobre como o Estado operário se distanciou das ideias originais da Revolução, voltando a reproduzir velhos padrões sociais. Aqui é fundamental remarcar o que significou a burocratização stalinista no Estado operário, que particularmente no que diz respeito à libertação das mulheres foi um retrocesso em toda a linha com Stalin defendendo a ‘volta à família e ao lar’”.

31 Fernandes, 1991, p.262: “Na verdade, a problemática da produtividade é crucial para entender a crise do socialismo como o colapso da hegemonia soviética”. P. 263-264: No entanto, nos desenvolvimentos posteriores à guerra na URSS (quando ela concluiu, no fundamental, a industrialização da sua economia, e entrou numa nova fase onde a elevação da produtividade do trabalho nas unidades já montadas passou a ser o desafio central) o “padrão soviético” perdeu a dianteira na corrida com as potências capitalistas. Enquanto a produção industrial da URSS era 10,1 vezes maior que em 1987 do que em 1950, a do Japão era de 21,1 vezes maior (...). Do ponto de vista do crescimento da produtividade do trabalho social de 1950 a 1987, a União Soviética, com uma elevação de 359%, ficou atrás não só do Japão (968%), como também da Itália (452%) e da Alemanha (388%). Continuou na frente dos Estados Unidos (210%) e da Grã-Bretanha (272%) (...) a queda mais acentuada se dá a partir de meados dos anos 70 (e se materializou, sobretudo, na incapacidade de abastecer a sociedade de bens de consumo duráveis em quantidade e de qualidade).”

32 Fernandes, 1991, p. 264-265: “Como vimos ao longo do livro, a liderança da maioria dos países do Leste (incluindo a URSS) foi progressivamente se afastando da busca de soluções socialistas para este “dilema da produtividade”, recorrendo crescentemente à obtenção de financiamentos, investimentos e tecnologia nos países capitalistas centrais”.

de do trabalho, nos países socialistas, tornou-se inferior ao crescimento da produtividade em diversos países capitalistas, especialmente depois da década de 60, observou-se, nos países socialistas, uma incapacidade de inovação em bens de consumo da forma como era feita pelos países capitalistas centrais. Outro fator importante apontado como causa do fracasso da experiência socialista foi a não exclusão das classes sociais³³ por intermédio da geração de uma nova classe dominante denominada classe dos burocratas detentores de privilégios e de maior participação no produto produzido coletivamente.

Inúmeros estudiosos argumentam que o socialismo real experimentado nos países do leste europeu e em especial na ex-URSS não correspondeu ao socialismo previsto por Marx e Engels, pois não conseguiu abolir os privilégios de classes³⁴ e constituir-se em força motriz da constante revolução dos meios de produção.

Este trabalho reconhece o fracasso, especialmente político e tecnológico, gerado pela impossibilidade da planificação estatal manter os meios de produção em constante revolução quando comparado aos países centrais do capitalismo e reconhece também que nos países onde houve

33 Palmeira, 1991, p.55: “Uma das características da tecno-burocracia, ou de seu ascenso, foi uma política cada vez mais de defesa da pátria do socialismo e cada vez menos de revolução internacional. Se o isolamento da URSS contribuía para o reforço da tecno-burocracia, a tecno-burocracia contribuía para o isolamento da URSS do ponto de vista revolucionário”.

34 Wolff in a Manifesto for economic democracy and ecological sanity: Traditional socialism – as in the USSR - emphasized public instead of private ownership of means of production and government economic planning instead of markets. But that concentrated too much power in the government and thereby corrupted the socialist project. Tradução livre: “O socialismo tradicional – como na URSS – enfatizou a propriedade pública ao invés da propriedade privada dos meios de produção e o planejamento econômico do governo ao invés dos mercados. Mas isso concentrou muito poder no governo e, assim, corrompeu o projeto socialista”.

socialismo real não ocorreu o fim da divisão da sociedade em classes.

Possíveis propostas socialistas para o século XXI

Tendo em vista a teoria de Marx e Engels a respeito do socialismo científico como reflexo na consciência da luta de classes existente³⁵, como necessária evolução e solução da luta de classes entre burguesia e proletariado, indaga-se: 1) teria tornado-se obsoleto propor o socialismo como solução desse conflito de classes? 2) reconhecendo-se a teoria do valor de Marx, assumindo-se que o valor das mercadorias é dado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-las e considerando-se que quem as produz são os não donos do capital (ou despossuídos, proletários), como propor um tipo de socialismo que contemple essa teoria e ao mesmo tempo supere as falhas verificadas no socialismo real? 3) como apoiar o socialismo proposto por Marx e Engels sem cair no erro denominado socialismo utópico já verificado por esses autores no século XIX?

Usando como apoio para interpretação da realidade o materialismo histórico dialético, pode-se depreender que para que não se incorra no erro de ser utópico, poder-se-ia dizer que se torna necessário, antes de qualquer proposta socialista, a análise da realidade objetiva, para que se verifique quais são suas leis, suas contradições e possibilidades de trans-

35 Engels, 1880, p. 50: “e esse conflito entre as forças produtivas e o modo de produção não é precisamente nascido na cabeça do homem – algo assim como o conflito entre o pecado original do homem e a justiça divina – mas tem as suas raízes nos fatos, na realidade objetiva, fora de nós, independentemente da vontade ou da atividade dos próprios homens que o provocaram. O socialismo moderno não é mais que o reflexo deste conflito na consciência”.

formação do futuro social.

A partir da análise da realidade, verifica-se que a sociedade continua apresentando duas classes antagônicas denominadas classe dos detentores de capital e classe dos não detentores de capital, daqueles que não possuem nada além de sua força de trabalho para vender no mercado de trabalho. Boa parte das camadas intermédias tende a ser reacionária, de acordo com Marx, não deseja a revolução, mas aspira a “girar a roda da história para trás”, pois quer continuar mantendo sua posição que, entretanto, sempre está em risco, conforme constatado por Marx e Engels³⁶.

A sociedade atual é bastante diferente da sociedade do século XIX analisada por Marx e Engels, em inúmeros aspectos, quais sejam: no que diz respeito à capacidade produtiva, no que se refere ao desenvolvimento da ciência, no que tange à financeirização do capital e autonomização da forma dinheiro, no que concerne a certas conquistas trabalhistas como jornada de trabalho de 8 e 6 horas em muitos países, salário mínimo, sufrágio universal, proibição do trabalho infantil, entre outros elementos. Contudo, por continuar apresentando os traços centrais do século XIX, como a divisão da sociedade em classes (entre despossuídos e possuidores de capital), extração de mais-valia, apropriação privada do produto embora sua produção seja coletiva, degradação moral³⁷, democracia limitada, desem-

36 Marx e Engels, 1848: “As camadas médias –pequenos comerciantes, pequenos fabricantes, artesãos, camponeses – combatem a burguesia porque esta compromete sua existência como camadas médias. Não são, pois, revolucionárias, mas conservadoras; mais ainda, são reacionárias, pois pretendem fazer girar para trás a roda da história. Quando se tornam revolucionárias, isto se dá em consequência de sua iminente passagem para o proletariado”.

37 O atual modo de produção propicia a consolidação de valores dominantes como a exploração, a competição, o individualismo e a heteronomia em contraposição a outros valores desejáveis como a solidariedade, a autonomia e o respeito à vida humana.

prego, miséria, excluídos de qualquer participação na produção, continua apresentando os antagonismos de classes presentes no século XIX. Dessa forma, assumindo as leis de movimento da história explicadas por Marx e Engels como o fato de que as sociedades de classes movem-se pela luta de classes e que ainda hoje a base do crescimento do capital é a extração de mais-valia, por meio da exploração dos trabalhadores, torna-se coerente cogitar que essas classes, por possuírem interesses antagônicos, continuam em luta, ainda que muitas vezes velada.

Contudo, devido ao fracasso do modelo social-político-econômico dos países que figuravam o chamado socialismo real, com a queda do socialismo baseado no planejamento estatal versus a economia de mercado e com a perduração de pequenas parcelas da produção organizadas em forma de economia solidária, autores reconhecidamente marxianos (como Paul Singer e Richard Wolff) têm cogitado a democratização dos ambientes de trabalho ao invés da ditadura do proletariado, como saída para o capitalismo.

A democratização nos ambientes de trabalho envolve a propriedade do negócio pelos trabalhadores, um voto por trabalhador nas decisões tomadas em assembleia e participação mais equitativa no produto produzido.

Assumindo que as leis de compreensão dessa sociedade elaboradas por Marx e Engels são ainda válidas, e, portanto, assumindo que o produto produzido por essa sociedade é apropriado injustamente, entende-se a importância e a relevância da compreensão das alternativas propostas

e implantadas na realidade atual.

Experiências de organização da economia de forma solidária em que a tomada de decisões ocorre por meio do voto de todos que estão nela associados surgiram no século XIX, por iniciativa do socialista Robert Owen. Tal socialista criou associações comunitárias de produção, uma aldeia cooperativa nos Estados Unidos denominada New Harmony, onde viveram pessoas trabalhando na terra e em indústria produzindo sua subsistência e trocando entre si seu excedente. Marx e Engels denominaram tal experiência de utópica e ela de fato fracassou.

Contudo, enquanto permanecia além-mar seus discípulos da Inglaterra começaram a implantar cooperativas por toda parte, movimento esse que coincidiu com a expansão do sindicalismo. Em 1827 surgiu a Associação Cooperativa de Troca de Brighton. “Diversas cooperativas descendentes desta primeira se desenvolveram em Brighton, Worthington, Findon, Turnbridge Wells, Canterbury e Gravesend” (Singer, 2002, p. 28).

A Brighthon Association iniciou, em 1828, a publicação de um jornal denominado *The Co-operator* dedicado à exposição dos princípios cooperativos. Em 1830, o jornal havia registrado trezentas cooperativas. O cooperativismo tornou-se ligado ao movimento sindical: “No meio da ascensão do cooperativismo, o owenismo foi assumido pelo crescente movimento sindical e cooperativo da classe trabalhadora” (Singer, 2002, p. 28). Em setores que podiam ser operados sem muitas máquinas grevistas assumiam a produção em cooperativas, em vez de não trabalharem, para competirem com seus patrões, tentavam substituí-los no mercado,

para eliminar o assalariamento e criarem a autogestão.

De acordo com Paul Singer, “esta é a origem histórica da economia solidária. Seria justo chamar esta fase inicial de sua história de cooperativismo revolucionário, o qual jamais se repetiu de forma tão nítida. Ela tornou evidente a ligação essencial da economia solidária com a crítica operária socialista do capitalismo” (2002, p. 35).

As características essenciais atuais de cooperativas organizadas de forma solidária³⁸ dizem respeito ao fato de que a propriedade da cooperativa é de todos ou quase todos que nela trabalham, as decisões são tomadas democraticamente por todos os sócios, o que significa que cada cooperado tem direito a um voto nas decisões tomadas em assembleia, e as retiradas, embora muitas vezes não sejam feitas de forma totalmente igual, devido a decisões dos próprios sócios, são feitas de forma muito mais equitativa do que nas empresas capitalistas. Quando as cooperativas estão organizadas em um complexo solidário, as perdas e os ganhos das empresas são redistribuídos entre todas as cooperativas do complexo. Os trabalhadores das cooperativas que entram em falência são realocados em outras cooperativas prósperas do mesmo complexo.

Assim funciona Mondragón, atualmente o maior complexo cooperativo organizado em bases solidárias, situado na região basca da Espanha. Criado em 1954 pelo padre Arizmendi, é a maior rede de cooperativas com experiência de autogestão existente.

38 É importante notar que nem toda cooperativa está organizada de forma solidária. Cooperativas que empregam grande parte de sua mão-de-obra de forma assalariada, ou que possuem donos que não sejam os trabalhadores não são caracterizadas como empresas de economia solidária, ao contrário, são apenas mais uma versão de empresas capitalistas.

experiência de autogestão e de organização da economia em bases solidárias têm inspirado inúmeros estudiosos a propor a expansão de tal empreendimento.

Reconhecidos estudiosos como o professor Richard Wolff da Universidade de Massachusetts e o professor Paul Israel Singer da Universidade de São Paulo têm assinalado a importância de analisar o caso de Mondragón³⁹ e a partir dessa análise postular a expansão da democracia nos ambientes de trabalho, como forma efetiva de tomada de consciência dos trabalhadores e como maneira mais equitativa de apropriação do produto, de combate à miséria e à insegurança imposta pelo capitalismo aos trabalhadores. A economia solidária é um modo de democratização dos ambientes de trabalho, essa experiência democrática pode aproximar-se do socialismo se os trabalhadores detiverem a propriedade do negócio, ou seja: se não houver extração de mais-valia.

A aproximação da economia solidária com o socialismo proposto por Marx e Engels se daria principalmente com a mudança da propriedade das mãos dos capitalistas para os trabalhadores, quanto mais os trabalhadores forem donos dos meios de produção, maior seria a aproximação ao socialismo proposto por Marx e Engels, pois a exploração ou extração de mais-valia deixaria de existir. Apesar de ser possível verificar a aproximação dessas duas propostas, pode-se dizer que não são exatamente as mesmas visto que a economia solidária não propõe o fim do mercado, nem a

39 Vale ressaltar que vem sendo notada uma ampliação das desigualdades de distribuição do produto em Mondragón, bem como um aumento de mão-de-obra que é empregada de forma assalariada. Em outras palavras, percebe-se um certo grau de descaracterização da experiência solidária desse complexo cooperativo.

planificação estatal, apesar de propor o fim do assalariamento e, portanto, o fim da exploração.

De acordo com Wolff os benefícios do fortalecimento da democracia em todos ambientes, incluindo nos ambientes de trabalho, seriam inúmeros, dentre eles mencionam-se: a tomada de consciência dos trabalhadores sobre tudo o que a empresa produz, participação em todas as decisões da empresa que integram, possibilidade de redução da jornada de trabalho e maior dispêndio de tempo em atividades de lazer e culturais, possibilidade de discussão de todos os trabalhadores de todas as empresas autogeridas sobre o que produzir, o quanto produzir e como produzir, participação mais equitativa no produto gerado⁴⁰ (Wolff informa que nas empresas autogeridas as diferenças dos salários dos mais qualificados para os menos qualificados é de 5 para 1, enquanto nas empresas capitalistas essa diferença é de 475 para 1).

Além desses benefícios trazidos pelas empresas autogeridas a de-

40 Wolff in a Manifesto for economic democracy and ecological sanity: “herever production occurs, the workers must become collectively their own bosses, their own board of directors. Everyone’s job description would change: in addition to your specific task, you would be required to participate fully in designing and running the enterprise. Decisions once made by private corporate boards of directors or state officials - what, how and where to produce and how to use the revenues received – would instead be made collectively and democratically by the workers themselves. Education would be redesigned to train all persons in the leadership and control functions now reserved for elites.

Tradução livre: “onde quer que ocorra a produção, os trabalhadores devem tornar-se, coletivamente, seus próprios chefes, seus próprios conselhos de diretores. A descrição do emprego de cada um seria modificada: em adição à sua tarefa específica, você poderia ser requerido a participar plenamente em planejar e dirigir a empresa. Decisões uma vez tomadas pelos conselhos privados de diretores ou por oficiais do estado – o que, como e onde produzir e como utilizar as receitas recebidas – seriam, ao invés, tomadas coletivamente e democraticamente pelos próprios trabalhadores. A educação seria redesenhada para treinar todas as pessoas em liderança e funções de controle agora reservadas para as elites”.

mocracia política também seria fortalecida⁴¹, visto que passaria a atender aos interesses de uma maioria e não apenas aos interesses de uma minoria que controla as empresas atualmente. Recursos do governo, portanto, não mais seriam utilizados para socializar as perdas capitalistas em suas constantes crises, beneficiando uma pequeníssima parcela da população. Ao contrário, esses recursos de fato passariam a atender aos interesses da maioria, visto que poderiam ser utilizados para iniciar empresas autogeridas para aqueles que não possuem empregos, por exemplo.

Segundo Wolff, 13,7 milhões de americanos trabalham em 11.400 cooperativas em que detêm parte ou o total da companhia⁴². Número esse que mostra que a implementação da democracia nos ambientes de trabalho é uma realidade.

Tendo em vista a descrição de Marx e Engels do capitalismo e a importância do emprego do método materialista histórico dialético como forma de entender a ordem social vigente tem-se que o capitalismo re-

41 Wolff in a Manifesto for economic democracy and ecological sanity: “Economic and political democracy need and would reinforce one another. Self-directed workers and self-directed community residents must democratically share decision-making at both locations. Local, regional and national state institutions will henceforth incorporate shared democratic decision-making between workplace and residence based communities. Tradução livre: “A democracia econômica e política reforçariam uma à outra. Trabalhadores e residentes da comunidade dirigidos por si devem, democraticamente, dividir a tomada de decisões em ambas as localidades. Instituições estatais, locais, regionais e nacionais incorporarão, portanto, as decisões tomadas democraticamente nos ambientes de trabalho e nas comunidades residentes”.

42 Wolff in a Manifesto for economic democracy and ecological sanity: “Today, an estimated 13.7 million Americans work in 11,400 Employee Stock Ownership Plan companies (ESOPs), in which employees own part or all of those companies. So-called “not-for-profit” enterprises abound across the US in many different fields”. Tradução livre: “Hoje, uma estimativa de 13,7 milhões de americanos trabalham em 11.400 Empresas de capital dos trabalhadores (ESOPs), nas quais empregados possuem parte ou o todo das companhias. As tão chamada empresas “não-pelo-lucro” abundam pelos Estados Unidos em muitos campos diferentes”.

presenta uma forma injusta de organização e apropriação do produto que sobrevive da exploração de trabalhadores, da extração de mais-valia. Tal modo de produção ao mesmo tempo em que cria inúmeras riquezas para poucos, gera desigualdades extremas, exploração, alta hierarquia nas empresas, miséria, competição, avareza, ganância, individualismo, insegurança e mais uma série de realidades morais, políticas e econômicas que colocam em risco o bem-estar humano.

Compreendendo que as sociedades estratificadas movem-se pela luta de classes e que o socialismo seria um possível resultado da solução desse conflito, verifica-se que a economia solidária ou implantação da democracia nos ambientes de trabalho pode representar uma maneira de superar esse impasse e, finalmente, fazer valer os interesses da maioria. Caso todos os empregados passarem a possuir a posse dos meios de produção, então não haveria mais burguesia, extração de mais-valia e, portanto, capitalismo. Isso ainda não é uma realidade, mas poderia vir a ser.

Sabe-se que há inúmeras críticas à economia solidária, uma delas é que muitas empresas de economia solidária acabam empregando alguma porcentagem de mão-de-obra assalariada ao invés de possuírem apenas trabalhadores donos do negócio. Além disso, muitas empresas de economia solidária tendem ou a pecar por excesso de vigilância dos empregados e acabam abrindo falência, ou pouco a pouco vão perdendo seu caráter democrático e terminam por degenerar-se em empresas capitalistas, pois muitos trabalhadores enxergam como uma tarefa a mais o exercício da democracia. O complexo cooperativo de Mondragón é o maior complexo

funcionando em bases solidárias, atualmente. Desde sua criação para cá as desigualdades entre os salários dos gerentes e do restante dos trabalhadores aumentaram e suas filiais espalhadas pelo mundo não são empresas solidárias, mas empregam quase que exclusivamente empregados assalariados.

Em outras palavras, embora a economia solidária possua um longo tempo de existência e tenha elementos constituintes de seu funcionamento diferentes da forma capitalista de produção, como a possibilidade de tomada de decisões de forma democrática de todos os trabalhadores envolvidos, bem como a possibilidade de repartição do produto de forma mais justa, uma vez que são todos os trabalhadores que decidirão sobre isso, não se pode afirmar que esta seja uma experiência que irá se consolidar de fato como uma experiência socialista, visto que muitas dessas empresas abrem falência ou transformam-se em empresas capitalistas.

A consolidação dessa experiência como uma experiência socialista que de fato se torne majoritária depende do quão mais produtiva em relação a empresas capitalistas ela será. Para ser mais produtiva, essa experiência precisa gerar mais bem estar que as empresas capitalistas, no próprio trabalho.

Pensando nos ensinamentos de Marx e Engels sobre as mudanças de modo de produção: elas geralmente ocorrem quando há a necessidade, ou seja, quando as forças produtivas desenvolvem-se a um ponto tal que se torna absolutamente necessário que as relações de produção mudem⁴³.

43 Outro ponto que merece destaque para ressaltar a possibilidade de esgotamento do modo de produção capitalista, diz respeito à questão ambiental. A forma de acumulação de riqueza do modo de produção capitalista refere-se à venda de mercadorias. Em outras palavras, quanto mais mercadorias

Além disso, a luta de classes também é um fator que leva a mudanças sociais. Tomando essa questão da necessidade, podemos pensar que o modo de produção capitalista será um entrave para a produção quando impedir que revoluções tecnológicas ocorram. Ora, vemos que esse modo de produção gera patentes⁴⁴ e inúmeros outros elementos que impedem o desenvolvimento tecnológico de muitos países. Talvez o compartilhamento e a produção livre de conhecimento e tecnologia possam em algum momento mostrarem-se mais produtivos que o capitalismo e fazerem com que o livre desenvolvimento de todos e não mais a acumulação de capital e a exploração capitalista sejam condições necessárias para o desenvolvimento tecnológico da sociedade. Isso parece ser possível apenas em experiências democráticas, fazendo com que a economia solidária, ainda que seja uma experiência minoritária, tenha muito a ensinar.

Embora seja difícil vislumbrar um futuro socialista, em que não mais haja extração de mais-valia dos trabalhadores e, portanto, exploração, em que a apropriação do produto seja coletiva visto que sua produção também o é, em que as pessoas não precisem ser coagidas a trabalhar, mas que possam trabalhar com prazer e participação democrática em seus ambientes, pode-se dizer que como todos os modos de produção esse che-

forem vendidas, mais os capitalistas acumulam capital na forma dinheiro. Contudo, a lógica desse modo de produção, que concerne a vender a maior quantidade possível de produtos, vem encontrando uma barreira natural relacionada ao meio ambiente. Em outros termos, mudanças ambientais drásticas, como a elevação da temperatura na terra de forma acelerada, vêm constituindo-se em sérias contradições em relação a esse modo de produção. Parece que caso deseje-se preservar a vida humana na terra, no futuro, será necessário que o modo de produção possua outra lógica que não a lógica da produção desenfreada e irrefletida de qualquer produto.

44 As patentes impedem o desenvolvimento tecnológico de muitos países, pois retêm o conhecimento, mas, por outro lado, são um estímulo à pesquisa para as empresas que as detêm.

gará ao fim, em algum momento, e espera-se que a mudança ocorra para o término da exploração, para o aumento da igualdade da renda, da solidariedade, da autonomia, do respeito à vida humana, da democracia, da criatividade e do prazer na vida das pessoas.

Referências Bibliográficas

BENELLO G. From the ground up: essays on grassroots & workplace democracy. Boston: South end press, 1992.

COLE, G.D.H. A century of co-operation. Manchester Co-operative Union Ltd., 1944.

ENGELS F. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

_____. Do Socialismo utópico ao socialismo científico (1880). São Paulo: Editora Moraes, s/d.

FERNANDES L. URSS Ascensão e queda. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 1991.

FAUSTO R. Sentido da dialética. Marx: lógica e política. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

GOLDMAN W. Mulher, estado e revolução. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

GRENNBERG E. Workplace Democracy: The Political Effects of Participation. New York: Cornell University Press, 1988.

KRIMERMAN L. e LINDENFELD F. When Workers Decide: Work-

place Democracy Takes Root in America. Philadelphia: New Society Pub, 1990.

LINDENFELD F. Workplace democracy and social change (extended horizon books). Boston: Porter Sargent Publishers, 1982.

MARX K. e ENGELS F. A ideologia alemã. São Paulo Boitempo Editorial, 2007.

_____. Manifesto comunista. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

_____. Manifesto do partido comunista. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

MARX K. O capital. São Paulo Boitempo Editorial, 2013.

_____. Para a crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MELMAN S. After capitalism: from managerialism to workplace democracy. New York, Alfred A. Knopf, 2001.

MILL. J. S. Capítulos sobre o socialismo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

MONDRAGÓN website: <http://www.mondragon-corporation.com/eng/>.

OUVRAGE COLLECTIF. De l'autogestion théories et pratiques. Paris: Éditions CNT-RP, 2013.

OWEN R. The book of the new moral world containing the rational system of society. Glasgow: H. Robinson & C.O.7, Brunswick Place, T. Finlay, 1811.

PALMEIRA V. União Soviética: Há Socialismo nisso? Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982.

ROTHSCHILD J. e WHITT J. A. The Cooperative Workplace: Potentials and Dilemmas of Organizational Democracy and Participation. Cambridge: Cambridge University press, 1986.

SINGER P. Introdução à economia solidária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002 .

_____. Uma Utopia Militante. Repensando o socialismo. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In: Boaventura de Sousa Santos (org.) Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

WHITE F. W. e WHITE K.K. Making Mondragón. New York: ILR Press, 1988.

WOLFF R. A Manifesto for economic democracy and ecological sanity. Disponível em: <http://rdwolff.com/content/manifesto>.

_____. Democracy at work: A cure for capitalism. Illinois: Haymarket Books, 2012.

ZWERDLING D. Workplace democracy: A guide to workplace ownership, participation & self-management experiments in the United States & Europe. New York: Harper Colophon books 1980.